

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Carine Fraga Feijó

FUTEBOL FEMININO:
Apontamentos sobre motivações e dificuldades para uma equipe
desta modalidade.

Porto Alegre
2011

Carine Fraga Feijó

FUTEBOL FEMININO:

Apontamentos sobre motivações e dificuldades para uma equipe desta modalidade.

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obter o título de Licenciada em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Orientadora: Prof^a Dr^a Silvana Vilodre Goellner

Co-orientadora: Prof^a Dda. Johanna Coelho Von Mühlen

Porto Alegre

2011

Carine Fraga Feijó

FUTEBOL FEMININO:

Apontamentos sobre motivações e dificuldades para uma equipe desta modalidade.

**Trabalho de Conclusão de Curso
Curso de Licenciatura em Educação Física**

Conceito final:_____

Aprovado em: _____ de Dezembro de 2011.

Avaliador: Prof. Dr. Carlos Balbinotti

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Silvana Vilodre Goellner

Dedicatória

Às minhas duas estrelas
protetoras: Vó Zeli e Dinda Eza.
Saúde eterna.

Agradecimentos

Primeiramente agradeço às pessoas mais importantes da minha vida: minha mãe, exemplo de mulher guerreira e apaixonada pela vida, que faz o impossível pela felicidade de suas filhas e que me proporcionou todas as condições para concluir a graduação; ao meu pai que tem sido um grande amigo e companheiro; à minha irmã Telma que, apesar das brigas, sempre está ao meu lado nos melhores e piores momentos.

Aos professores da ESEF/UFRGS que passaram além de conhecimento, o amor à profissão.

Agradecimento especial à professora Silvana, minha orientadora nesse estudo. À Johanna, minha co-orientadora que me ajudou, incentivou e me atendeu em todos os momentos de dúvidas.

Aos familiares sempre presentes: tio João, padrinhos Valter e Sandra, tia Dina, dindo Manoel, primos Guilherme, Michelle, Rodrigo e Tielle.

Aos meus amigos, dos mais próximos aos mais distantes, aos novos e aos antigos. À Michele, que me incentivou a fazer o vestibular da UFRGS, à Gabriela, irmã e parceira em todos os momentos, inclusive ajudando nos meus trabalhos acadêmicos.

Aos amigos conquistados nesses anos de ESEF/UFRGS que foram muito importantes para o meu crescimento acadêmico e pessoal. Em especial às gurias companheiras de almoços no Bourbon e sorvetes na Padoca.

Às amigas/mães Regina e Dina, minhas incentivadoras desde que entraram na minha vida.

Agradeço ao Sport Clube Black Show pela receptividade com a qual tiveram comigo, me considerando parte da equipe. Às meninas que aceitaram fazer parte dessa pesquisa, bem como ao Presidente Athayde e ao treinador Newton.

Aos amigos que conquistei em cada lugar que trabalhei durante o curso, que contribuíram para o meu crescimento profissional e pessoal.

Muito obrigada por tudo.

RESUMO

O Futebol é considerado a paixão do povo brasileiro, mas não é exclusiva dos homens. Com o crescimento da participação feminina na modalidade futebol, agregando conquistas e mostrando competência na representação em competições oficiais de nível nacional e internacional, muitas meninas procuram essa modalidade para praticar. A partir da discussão de gênero e esportes, e um breve histórico do futebol feminino, o presente estudo tem como objetivo analisar quais são as motivações para a prática de futebol nas mulheres da equipe de futebol S. C. Black Show. Este estudo está ligado ao Garimpando Memórias, fundamentado na história oral e na história cultural. Foram realizadas entrevistas com duas atletas, com o treinador e o presidente da equipe S. C. Black Show para dar suporte ao estudo. Hoje o futebol faz parte da realidade das mulheres, mas a evolução da modalidade continua a passos curtos e lentos. As atletas continuam jogando pelo amor ao esporte e por mais que os administradores, técnicos e atletas queiram trabalhar em benefício da equipe, que queiram o crescimento da modalidade e almejam conquistas, sem receita financeira pouco se conquista.

Palavras chave: gênero, esportes, futebol feminino

ABSTRACT

Soccer is considered the passion of the Brazilian people, but not exclusively of the men as one may think. With the growing female participations in this modality and achievements that show the competence in official national and international competitions, a lot of girls are looking for this modality to practice. From a discussion of gender and sports, and a short historic of women's soccer, this study aims to analyze which are the motivations of the women to practice soccer in the soccer team S.C Black Show. This study is linked to Garimpando Memórias and it is based in the oral and cultural history. Interviews were made with two athletes, with the coach and with the president of the club S.C. Black Show to support the study. Nowadays soccer is part of the reality of the women, but the evolution of the modality continues slowly. The athletes keep on playing because they love the sport and even though the managers, coaches and athletes want to work for the good of the team and for the growing of the modality, without financial income very few is achieved.

Key words: Gender, sports, women's soccer

SUMÁRIO

1. Introdução.....	09
2. Referencial teórico.....	11
2.1. Gênero e esportes.....	11
2.2. Futebol feminino.....	13
3. Metodologia.....	17
3.1. História oral.....	18
4. Discussão.....	21
5. Conclusão.....	27
Referências.....	30

1. Introdução

O Futebol é considerado como paixão do povo brasileiro, mas não é exclusiva dos homens. Com o crescimento da participação feminina na modalidade futebol, agregando conquistas e mostrando competência na representação em competições oficiais de nível nacional e internacional, muitas meninas procuram essa modalidade para praticar.

Porém, a prática das mulheres na modalidade nem sempre foi permitida. Durante muito tempo elas foram proibidas pelo governo de praticar esse e outros esportes que não eram adequados à sua condição de mulher, pois a mulher era um corpo considerado frágil, responsável pela reprodução da espécie, não devendo gastar energia na prática esportiva caracterizado pelo contato físico, ou seja, violento.

A justificativa para manter as mulheres afastadas de determinados esportes, se deu principalmente devido a questões de gênero, em que, culturalmente, mulheres são privadas dessas práticas por elas serem culturalmente ditas masculinas. No primeiro capítulo deste trabalho daremos ênfase a essa discussão.

Após a liberação para a prática do futebol às mulheres surgiram algumas dificuldades às praticantes desse esporte. Uma delas foram os corpos das mulheres, que foram mais visibilizados que a própria técnica esportiva, sendo prejudicial para o crescimento da modalidade. Pois, ao ver as belas mulheres praticando o esporte, o público desconfiava da sua qualidade técnica, e quando a beleza da mulher praticante da modalidade era exigida, a técnica deixava de ser pré-requisito para participação da atleta em uma competição.

Silvana Vilodre Goellner¹ (2005) afirma que a beleza e erotização das jogadoras seria uma maneira de popularizar o futebol feminino, com isso os recursos seriam ampliados através do aumento de patrocinadores para o esporte. Pois, segundo reportagem de Zero Hora que a autora cita “o custo e a falta de patrocínio são os maiores empecilhos do esporte”.

A partir da criação da Copa do Mundo (1991) e do momento em que o futebol feminino foi inserido como modalidade Olímpica (1996), os resultados

¹ Por ser um trabalho que tem como uma de suas temáticas as questões de gênero, opto por citar as/os autoras/es através do seu nome completo.

da Seleção Brasileira apareceram e receberam destaque a partir de suas conquistas², pois apesar de não existir campeonatos oficiais regulares estavam sempre entre as quatro melhores equipes dessas competições.

Devido ao destaque da Seleção Brasileira, foi criada a Copa do Brasil de Futebol Feminino, competição que desde 2007 acontece anualmente. Equipes de diversos estados do Brasil participam dessa competição, elas se classificam de acordo com o regulamento de cada federação estadual. O Sport Club Black Show de Guaíba foi uma das equipes que representou o Rio Grande do Sul na Copa do Brasil de 2010, após ser vice-campeã do Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino de 2009.

A equipe S. C. Black Show foi escolhida para dar suporte ao presente estudo, através de entrevista semi-estruturada com o presidente, o treinador e duas atletas de futebol da equipe, pretendemos conhecer um pouco da história das atletas de futebol feminino, pois o presente trabalho tem como objetivo saber o que representa o futebol na vida dessas atletas, o que elas buscam através do futebol e quais foram as dificuldades que elas tiveram e que as mulheres têm para a prática dessa modalidade.

Para tanto, ele está assim organizado: no primeiro capítulo o referencial teórico; iniciando a discussão de gênero e esporte, o início das mulheres na prática esportiva e um breve histórico do futebol feminino. No segundo capítulo discorro sobre a metodologia utilizada no presente estudo. No terceiro, discuto a análise das entrevistas realizadas, encerrando com as considerações finais.

Sigo, a seguir, com o referencial teórico.

² Campeã do Campeonato Sul-Americano Feminino (1991, 1995, 1998, 2003, 2010), 2º lugar Copa do Mundo de Futebol Feminino (2007), 2º lugar Olimpíada de Atenas (2004) e Pequim (2008), 3º lugar Copa do Mundo de Futebol Feminino (1999).

2. Referencial teórico

2.1. Gênero e esportes

Segundo Silvana Vilodre Goellner (2000, p. 82), gênero é construído pela cultura e pela sociedade, são elas que impõem as diferenças de comportamento e o papel que se espera que cada um deve representar. Nas palavras de Joan Scott, “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT apud VIANA, 2008. P. 643).

Através do conceito de gênero, percebemos o que são, culturalmente, hábitos e representações comuns das mulheres e dos homens, porém esses hábitos e representações são diferentes entre as diferentes culturas e tempos.

Jocimar Daolio (apud RUBIO & SIMÕES 1997, p. 83) ressalta que “em torno de uma menina, quando nasce, paira toda uma névoa de delicadeza e cuidados. Basta observar as formas diferenciadas de se carregar meninos e meninas, e as maneiras de os pais vestirem uns e outros.” Isso se traduz na ação dos pais em colocar, comumente, a partir do nascimento dos filhos, na porta da maternidade a camisa do time de futebol que a família torce quando nasce um menino e quando nasce uma menina, são colocadas bonecas e enfeites, normalmente, rosas.

Por isso, dentro dessa concepção de gênero a distinção entre os homens e as mulheres, ou ainda, entre o masculino e o feminino, se dá socialmente, de acordo com a cultura e o tempo em que o indivíduo está inserido.

Trazendo a discussão de gênero para o campo dos esportes, destaco, em um primeiro momento, a inserção das mulheres nas práticas esportivas que, em alguns casos e tempos, foram até mesmo proibidas.

Baseadas em teorias eugenistas, pensava-se e dizia-se que as mulheres precisavam estar em condições de dar continuidade à espécie. Sendo a mulher a principal responsável pela reprodução e por possuir um corpo frágil, a mesma não poderia praticar esportes violentos. Portanto, os esportes para elas deveriam ser adaptados às suas condições ou possuírem restrições:

No início do século XX, uma nova abordagem sobre o bem-estar físico das mulheres já permitia que algumas formas de atividade esportiva e exercício físico leves pudessem ser consideradas benéficas para a saúde das futuras 'mães e esposas'. (ADELMAN, 2003, p. 446)

A preocupação com o corpo da mulher não era apenas devido às condições como reprodutora, mas também à masculinização da mulher, pois, além de ter os mesmos direitos que os homens, poderiam reproduzir suas atitudes, conforme lemos a seguir,

Não negamos à mulher os mesmos direitos concedidos ao homem, porém não compreendemos que a mulher interprete essa igualdade procurando imitá-lo física, moral e intelectualmente, testemunhando dessa maneira uma superioridade inexistente. Sim, porque só almejamos igualar o que nos supera. Quanto às qualidades morais que todos os esportes coletivos desenvolvem, achamos ser o futebol, pela sua natural violência, um exacerbador do espírito combativo e da agressividade, qualidades incompatíveis com o temperamento e o caráter feminino. Quanto ao desenvolvimento intelectual, facilmente concordaremos que o futebol não é dos mais eficientes. Portanto não sendo aconselhado por motivos higiênicos, físicos ou morais, não será pelo seu reduzidíssimo valor intelectual que a mulher o vá praticar. Assim, pelas razões acima expedidas, que envolvem matéria de ordem técnica é nossa opinião ser o futebol, para a mulher, anti-higiênico e contrário à natural inclinação da alma feminina. (BALLARYNI, apud GOLLNER, 2005, p. 148)

Tanto, que de 1941 a 1975 vigorava o Decreto-Lei 3.199, baseado no pensamento médico-higienista, que estabelecia as bases da organização dos esportes no Brasil e incluía um artigo que colocava que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições da sua natureza”. (MOURÃO, 2005, p. 77)

Neste Decreto-Lei, estavam proibidos às mulheres esportes como: lutas, boxe, e prática do futebol, rugby, pólo, water-polo, por serem considerados desportos violentos e não adaptáveis ao sexo feminino. Com isso, a mulher foi

proibida de praticar futebol.

Outro caso interessante aconteceu no judô, também proibido às mulheres no Decreto acima citado. Lino Castellani Filho (1988, p. 62) cita reportagem da Folha de São Paulo “Mulheres competem neste esporte só há 8 anos” (caderno de Esportes, 21/09/87), em que o Diretor da Confederação Brasileira de Judô da época, Joaquim Mamed trocou o nome de quatro meninas atletas para disputar um campeonato sul-americano na Argentina. Quando descoberta a farsa, Mamed foi chamado para comparecer ao CND e prestar esclarecimentos. Ele levou as meninas vestidas com os quimonos e com as medalhas no peito. Após discussões, a CND aprovou a entrada da mulher no judô. Esse fato contribuiu para ser revogada a deliberação do Conselho Nacional de Desportos e, assim, começou a inclusão da mulher nos esportes através dos investimentos políticos dos clubes esportivos.

Após a liberação das mulheres para a prática dos esportes algumas delas se destacaram como atletas e obtiveram resultados importantes em diversas modalidades. Algumas dessas são Jacqueline e Sandra no voleibol de praia, Hortência e Paula no basquetebol, Maria Esther Bueno no tênis, Maria Lenk na natação, Cristiane, Formiga, Pretinha e Marta no futebol. No caso do futebol feminino, objeto de investigação dessa pesquisa, mesmo com poucas condições de treinamento, devido à falta de apoio da mídia, torcedores, patrocínios e campeonatos essa modalidade se destacou internacionalmente. Discorrerei a seguir mais especificamente dessa modalidade.

2.2. Futebol feminino

Eriberto Lessa Moura (2003, p.8) relata em sua pesquisa três diferentes versões sobre o início do futebol feminino no Brasil e no mundo, pois, segundo ele, temos apenas evidências e não documentos oficiais que relatam a data dos primeiros jogos. Na Inglaterra, em 1863, teria acontecido a primeira partida de futebol, já o primeiro jogo feminino teria acontecido em 1880 ou 1895, na Inglaterra em Crouch End em Londres, sendo essa partida entre mulheres do norte e do sul organizado pela Nettle Honeyball. Outro marco para o futebol feminino aconteceu em 1898, em que as seleções da Inglaterra e Escócia se

enfrentaram, porém Jober Teixeira Júnior (2006, p. 15) cita o ano de 1896 para essa partida. O mesmo autor traz o ano de 1913 para o primeiro jogo de futebol feminino no Brasil, um jogo beneficente para um hospital infantil em São Paulo. Em 28 de junho de 1921, Tremendé e Cantareira realizam um jogo em São Paulo nas comemorações de São João.

Após a proibição e permissão da CND, conforme citado anteriormente, o futebol feminino teve uma equipe de destaque internacional, na década de 80, o Esporte Clube Radar do Rio de Janeiro. Segundo Ludmila Mourão (2005, p. 80), em 1986 o Radar, representando a seleção brasileira, conquistou o Mundialito de Futebol na Itália.

Com o crescimento do futebol feminino devido aos resultados satisfatórios nos anos 80 principalmente através do E. C. Radar, nos anos 90 algumas preocupações vieram à tona, como a masculinização da mulher que praticava o esporte, por isso a mídia começou a destacar o padrão estético das mulheres que jogavam futebol, frente à técnica esportiva

Cariocas conquistam os mineiros – Elas driblam, matam a bola no peito, caem, se machucam, mas não se esquecem do lado feminino. Assim é o time de futebol de salão do Country/Poquet, do Rio de Janeiro, formado por garotas bonitas e boas de bola. Sem perder a pose de atletas, elas entram em quadra “produzidas”, ouvindo logo um comentário: “Bonitas desse jeito, será que elas jogam futebol?” (HOJE EM DIA apud MOURÃO, 2005, p. 81)

Conforme Silvana Vilodre Goellner (2005, p. 147), em setembro de 2001 a Federação Paulista de Futebol organizou o Campeonato Paulista de Feminino de Futebol – o Paulistana, onde poderiam ser inscritas apenas atletas que não tivessem cabelos curtos e o uniforme deveria valorizar o corpo da mulher.

No futebol masculino, a competência dos jogadores é fundamental para transformar o esporte em um empreendimento comercial. Mas no jogo das mulheres, ao contrário dos homens, isso não é suficiente. Os clubes estão exigindo que além de saber bater sua bolinha as jogadoras sejam bonitas. (CARDOSO apud SILVA, COSTA & SALLES, 1998, p. 108)

Maria Cecília Silva, Marta Costa e José Salles, citam que as equipes de futebol feminino começaram a reforçar suas equipes com atletas famosas e bonitas, destacando Milene Domingues e Suzana Werner, modelo e atriz, respectivamente. Inclusive, a busca pelas atletas belas, tinha o intuito de levar maior destaque também à seleção brasileira, forçando escalação das belas frente à técnica esportiva. Milene participou do Mundial de Futebol Feminino de 2003. Essa atitude tinha como principal objetivo realizar campanhas de marketing para atrair o público masculino aos jogos.

Segundo o site da FIFA³ “o futebol feminino vem se tornando cada vez mais forte e respeitado, ostentando o impressionante número de 29 milhões de praticantes no mundo todo” e, ainda, que o futebol é o esporte mais praticado entre as mulheres. Prevendo esse desenvolvimento da modalidade, a FIFA começou a criar iniciativas buscando auxiliar as atletas e as equipes do esporte, organizou a primeira competição Mundial de Futebol Feminino em 1991. Doze equipes participaram da competição, que teve como campeã a equipe do Estados Unidos. Desde então, a competição acontece de quatro em quatro anos, atualmente participam da competição 16 equipes. Desde a primeira competição, foram seis edições, sendo que Alemanha e Estados Unidos têm dois títulos e Noruega e Japão (atual campeã) um título cada uma. Os melhores resultados da seleção brasileira foram a terceira colocação em 1999 e o vice-campeonato em 2007.

O futebol feminino se tornou esporte olímpico em 1996, nos Jogos Olímpicos de Atlanta. A seleção brasileira feminina obteve resultados expressivos, nos Jogos Olímpicos de Sidney, 2000, ficou em quarto lugar, em 2004 e 2008 Jogos de Atenas e Pequim, respectivamente, em que conquistou a medalha de prata. Principalmente após a conquista de Atenas, o futebol

³ Federação Internacional de Futebol Associado

feminino nacional ganhou maior destaque, pois mesmo com dificuldades, sem um calendário nacional de jogos, estavam entre as melhores equipes.

A nível sul-americano, a CONMEBOL⁴ também tem o calendário feminino, realizando a Copa América de quatro em quatro anos que tem como premiação a vaga para o Mundial organizado pela FIFA. Em 2009, foi criada a Copa Libertadores Feminina, competição tradicional de equipes masculinas. As equipes campeãs em seu país são classificadas para a Libertadores Feminina, a equipe do Santos Futebol Clube é a atual campeã.

Com a preocupação da FIFA em desenvolver o futebol feminino, impondo um calendário de competições internacionais, a CBF implementou a Copa do Brasil Feminina, em 2007, tendo como equipe campeã o Mato Grosso do Sul (SAAD), nas edições seguintes as equipes campeãs foram Santos FC de São Paulo em 2008 e 2009 e CEPE/ Caxias do Rio de Janeiro em 2010⁵.

No Rio Grande do Sul, o Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino, atualmente organizado pela Associação Gaúcha de Futebol Feminino, é a competição que classifica as equipes campeãs (primeira e vice) para a Copa do Brasil.

A atleta de maior destaque do futebol brasileiro é Marta Vieira da Silva, atualmente a melhor jogadora de futebol do mundo. Destaco que ela recebeu este prêmio, da FIFA, cinco vezes consecutivas, de 2006 a 2010. Ela iniciou sua carreira profissional no Vasco da Gama em 2000, atualmente atua no Western New York Flash, além de ser atleta titular da seleção brasileira.

⁴ Confederação Sulamericana de futebol

⁵ Site CBF, < <http://www2.cbf.com.br/php/campeoes.php?ct=55>>, acesso 18/07/2011

3. Metodologia

Após visibilizar através da revisão de literatura como a participação das mulheres nos esportes foi construída em nosso país, e também, tendo como base minha experiência na organização das competições metropolitanas e estaduais de futebol feminino em 2008 e 2009, percebo o quanto foi, e ainda é difícil para as mulheres estarem no esporte, no caso do presente trabalho no futebol. Partindo dessas premissas, este estudo tem como objetivo analisar quais são as motivações para a prática de futebol nas mulheres da equipe de futebol S. C. Black Show. Como questões de pesquisa, pergunto:

- Qual a maior dificuldade na prática do futebol feminino para esse time?
- O que querem essas mulheres conseguir através da prática do futebol?

Destaco que a escolha da equipe S. C. Black Show para a realização dessa pesquisa se deu devido ao fácil acesso que tenho com o presidente do clube e com o treinador da equipe.

Em 2009, o Sport Club Black Show, equipe do município de Guaíba foi vice-campeão do Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino. Essa equipe foi fundada em 1985, tendo iniciado a equipe feminina em 1989, no futsal, e futebol de campo em 2008. O presidente e fundador do clube é Nilton Athayde dos Santos, e tem como treinador Newton Pedro Correa. Atualmente, a equipe conta com mais de 40 atletas, nas categorias adulto (atletas entre 16 e 45 anos) e sub-17 de futebol feminino. Em 2010, o Black Show foi um dos representantes gaúchos na Copa do Brasil, sendo eliminado na primeira fase. No ano de 2011, o S. C. Black Show participou do Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino nas duas categorias. Além de futebol de campo, a equipe participa de competições de futsal e futebol de areia.

Tendo caracterizado o clube onde se realizara este trabalho, passo a descrever a metodologia privilegiada para analisar as questões de pesquisa propostas.

3.1. História oral

Esse trabalho está ligado ao Garimpando Memórias⁶, projeto desenvolvido pelo CEME⁷ desde 2002, que através de entrevistas, transformadas em documentos escritos, objetiva preservar e divulgar a memória do esporte, da educação física, do lazer e da dança no Brasil. O aporte teórico-metodológico do Garimpando Memórias é fundamentado na história oral e na história cultural

Utilizamos a história para reconstruir a trajetória da mulher no esporte. Através da história, podemos reconstruir fatos que aconteceram no passado, o historiador busca pela representação dos eventos relatados através do tempo e das vivências de pessoas que participaram do acontecimento pesquisado, indo ao encontro das palavras de Paul Ricoeur, que diz:

Toda configuração de uma narrativa implica refiguração de uma experiência temporal. A narrativa reapresenta um tempo que, no caso da história, pressupõe um pacto com o passado: o leitor espera um relato verdadeiro e todo o ato da escrita da História comporta esta tensão: chegar lá, no real acontecido. (RICOEUR apud PESAVENTO, p. 35, 2003)

E para respondermos as questões de pesquisa, utilizamos como metodologia a história oral que, segundo Verena Alberti (p.17, 2005)

É um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimento, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Como consequência, o método da história oral produz fontes de consulta (as entrevistas) para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores. (ALBERTI, p.18, 2005)

⁶ Aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Rio Grande do Sul através do parecer de número 2007710

⁷ Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

As informações foram coletadas através de entrevista⁸ semi-estruturada realizada com o presidente, treinador e duas atletas do Sport Club Black Show de Guaíba, RS. As atletas foram selecionadas por indicação dos mesmos, porém, solicitamos duas atletas que já tivessem 18 anos completos na data da entrevista.

As entrevistas foram realizadas em dois dias, após jogos da equipe no Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino. O treinador foi o primeiro entrevistado, dia 17 de julho, após o jogo do Black Show com o Três Estrelas de Gravataí. As entrevistas com as atletas Jéssica Lopes de Souza e Betina Indiará Vargas e com o presidente do clube foram realizadas no dia 21 de agosto, em Guaíba após o jogo contra o Flamengo de Alegrete. Houve este intervalo entre as datas das entrevistas devido à remarcação da partida entre Black Show e Flamengo, após um longo período de chuvas, o campo de futebol do Estádio Coelhão, em Guaíba, ficou interditado pela falta de condição de jogos no local.

Além das entrevistas, foi feito um diário de campo a partir das observações realizadas nos dias dos jogos do S. C. Black Show contra Rio Grande, Pelotas e Chimarrão. Não aconteceram treinos pela dificuldade em reunir as atletas e pela chuva.

Para análise das entrevistas, selecionei o conteúdo de cada uma delas de acordo com o objetivo desse estudo e agrupei as informações de acordo com meu diário de campo nas observações realizadas nos jogos da equipe Black Show no Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino. Os jogos realizados foram com as equipes: Pelotas/Phoenix, Rio Grande, Chimarrão, Três Estrelas e Flamengo. Analisando assim as entrevistas e, complementarmente, os diários, passo a apresentar as categorias em que as análises serão discutidas:

- O início da prática do futebol de cada entrevistado.
- O apoio da família das atletas para a prática do esporte.
- A parte ruim que as atletas vêem na prática do futebol.
- As dificuldades que as mulheres encontram na prática do futebol.
- A diferença que o treinador e o presidente do clube percebem ao trabalhar com o futebol feminino.

⁸ As entrevistas estão no acervo do CEME

- O que buscam as atletas e o presidente com do futebol.
- A importância do futebol na vida das atletas.

No próximo capítulo discutimos os itens citados anteriormente.

4. Discussão

Na entrevista com as atletas perguntei primeiro como elas começaram a jogar futebol e ao treinador e ao presidente do clube busquei saber o início de ambos no futebol e posteriormente no futebol feminino.

As atletas iniciaram a jogar futebol de maneira diferente, Jéssica Lopes de Souza por ver pai, mãe e seus irmãos jogando. Já Betina Indiara Vargas cita que começou a jogar na escola e a partir daí pediu para sua mãe colocá-la em uma escolhinha, seguindo, assim, jogando futebol com “os guris”.

Já, o treinador e o presidente, relataram que iniciaram no futebol por serem homens que, culturalmente é comum jogar futebol, mas que iniciaram com o futebol feminino por solicitação das praticantes, “O homem? No caso, sempre corre atrás de uma bola. Aí eu fui evoluindo, mas primeiro joguei num time de futebol do salão e fui evoluindo com a idade e o grupo de amigos que também vai aumentando...” (CORREA, 2011, p.1).

Newton, treinador da equipe Black Show em 2011, iniciou sua trajetória no futebol feminino em Sapucaia do Sul. Lá, as meninas que quiseram jogar futebol entraram em contato com a Secretaria de Esportes para viabilizarem o início da equipe de futebol feminina, assim, ele foi escolhido para treinar esse grupo de meninas e formar a equipe feminina do G. E. Sapucaense. Já o presidente, Nilton Athayde, após fundar a equipe, masculina, para proporcionar à sua família jogar competições de futsal, iniciou o futsal feminino após solicitações da sua filha.

...mais pela pressão da minha filha, minha filha começou: “pai, coloca o time feminino, coloca o time feminino!”, eu disse “não, não, não”. Aí foi indo, foi que ela conseguiu [riso]. Comecei a treinar com elas, treinava mais os guris, treinei elas um ano, bem certinho, duas, três vezes por semana aqui mesmo no ginásio Coelhão. (ATHAYDE, 2011, p. 2)

Essas informações, referentes às respostas das atletas, vão de encontro com a pesquisa de Alexandre Jackson Chan-Viana e Diego Luiz Moura (apud MOURA et. al, 2009, p. 6), segundo eles, meninas tendem a iniciar o prática do futebol feminino na puberdade, pois nessa faixa etária elas têm maior autonomia para negociar seus interesses, já que os meninos são incentivados a jogar futebol desde seu nascimento, diferente das meninas. No caso das nossas entrevistadas, o início da prática do futebol aconteceu antes da puberdade e foram incentivadas pela família e pelo professor (caso da Betina). E, referente ao treinador e ao presidente, ficou visibilizado pelas falas deles que os dois receberam incentivo para a prática do esporte pelo fato de serem homens.

Quando questionadas sobre o apoio recebido ao iniciar no futebol, as atletas entrevistadas afirmam que não houve impedimentos por parte da família para tal, tendo apoio para jogar futebol: “minha mãe me incentiva muito, meus irmãos, minha cunhada, todos meus amigos me dão muito incentivo.” (VARGAS, 2011, p.1)

Inclusive, durante minhas observações vi que muitas atletas levam seus pais, irmão e amigos para os jogos, sejam eles acontecendo em Guaíba, Estância Velha ou em Rio Grande.

As duas atletas tiveram experiências diferentes no futebol e têm opiniões diferentes sobre a parte ruim em jogar futebol em uma equipe competitiva. Betina, mais jovem, cita as viagens e cansaço como parte ruim e a maior dificuldade apareceu no início devido à dificuldade financeira para se deslocar de Triunfo, sua cidade natal, para os locais em que as equipes jogam. Já Jéssica, com 27 anos citou como parte ruim a falta de patrocínio e apoio ao esporte e como dificuldade a falta de oportunidades.

Não vejo muito a parte ruim. A parte pior é ter que viajar, cansaço, acordo cedo, viajo um tempão e depois tem que voltar. Mas tudo tem a recompensa que é o futebol, que eu amo fazer, que eu quero fazer pra minha vida toda e é o que compensa. (VARGAS, 2011, p.2)

No caso, quando eu jogava no Grêmio desisti por causa de “panelinha”. Botei na cabeça que queria sair e saí. E depois daquilo não mais tive oportunidade. Aquela foi a única oportunidade que tive no campo. (SOUZA, 2011, p. 2)

Já observando as dificuldades das mulheres em jogar futebol, Betina relatou o preconceito e Jéssica a falta de patrocínio.

Preconceito, muitos acham que futebol é feito só para o homem, que as mulheres não têm esse potencial, mas muitas mulheres jogam muito melhor que os homens e estamos mostrando isso agora. Um ano atrás mais ou menos o futebol feminino não era tão reconhecido, agora que está sendo mais valorizado e reconhecido. (VARGAS, 2011, p.2)

É a falta de apoio, falta de estrutura, não tem estrutura, não conseguimos campo para treinar, ninguém banca as passagens para as gurias viajar, para poder treinar, não tem material, não tem bola, não tem fardamento, é tudo difícil, tudo difícil. Tudo envolve dinheiro e ninguém apóia. (SOUZA, 2011, p. 2)

A fala de Jéssica comprova o que foi relatado no histórico do futebol feminino no Brasil que fez parte do referencial teórico do presente estudo, tendo jogado na equipe sub-17 do Grêmio FBPA no final da década de 90 e início dos anos 2000, vivenciou a época em que o futebol feminino buscava sua visibilidade e os resultados começavam a aparecer apesar das dificuldades. Além disso, Jéssica, como capitã da equipe, conhece a realidade da equipe por estar sempre em contato com o presidente Athayde ajudando-o nos contatos com as atletas e participando dos congressos técnicos que definem detalhes dos campeonatos que a equipe participa.

Já Betina, aos 18 anos, está iniciando sua trajetória no futebol feminino enquanto o esporte está em ascensão e já reconhecido, o futebol, como o mais

praticado entre as mulheres no mundo⁹.

Essa falta de estrutura comentada por Jéssica e o preconceito por Betina, apareceram, também, na pesquisa de Claudia Samuel Kessler (2009), ela relacionou a falta de investimento e incentivo no progresso do futebol feminino ao domínio masculino no esporte, principalmente no Rio Grande do Sul, pois o futebol ainda está muito ligado ao gênero masculino normativo já que a mulher continua sendo idealizada com o padrão de mulher “pura e culta”.

Para o treinador e o presidente, as dificuldades vão de acordo ao cargo de cada um no futebol feminino. O treinador cita a preocupação em ter muitas jogadoras e a preocupação com a família de cada uma ao ver a escolha do treinador sobre quem irá jogar. Já para o presidente, acumulando a função de administrador, a preocupação maior é a financeira, já que ele é o responsável por manter a equipe e ajudar as atletas a irem aos locais dos jogos.

Sobre a diferença em se trabalhar com o futebol feminino, percebi uma preocupação com a maneira de se falar sobre a mulher. O treinador usou as seguintes palavras: “sexo oposto, não frágil”. Já o presidente, “mulher mais delicada” quando se referiu à maneira de cobrar o que a atleta deverá fazer em campo, em exigir ou não às mulheres comparecerem aos treinamentos marcados. Essas palavras também vão ao encontro do referencial teórico, pois vimos que por muito tempo a sociedade se preocupou com o fato da mulher ser diferente do homem e por muitas vezes não ter capacidade como o homem.

Mesmo eles estando trabalhando com mulheres em um esporte que é pouco valorizado, continuam com esse cuidado. Além disso, foi comentado pelo treinador, quando questionada a diferença em se trabalhar com mulheres, a preocupação com a maneira de se dirigir às atletas devido à presença da família nos jogos.

Muita, o linguajar. Muito “p” não pode ser dito, muito “f” não pode ser dito, não deve ser dito. É arriscado. Muito “c” não pode ser dito. Porque aí já não é mais elas dentro do campo, é o pai, a avó, o tio, o parente, o amigo que está na cerca, que está na arquibancada, que está acompanhando, entendes? (CORREA, 2011, p. 3),

⁹ Segundo o site da FIFA “o futebol feminino vem se tornando cada vez mais forte e respeitado, ostentando o impressionante número de 29 milhões de praticantes no mundo todo”.

E, pelo presidente, foi relatada a importância de saber como trabalhar com a mulher.

Com certeza, tem. Tem que, saber trabalhar com a mulher, porque ela é mais delicada, tem que saber como falar, tem que cobrar, mas às vezes não tem, tem horas que não pode cobrar, tem que ter meio termo. Tem que ser pai, psicólogo, tudo. [risos]. Mas é bom, depois que elas entendem são companheiras. (ATHAYDE, 2011, p. 3)

O futuro no futebol feminino foi questionado ao presidente do clube e às atletas. O presidente quer ver sua equipe novamente na final do Campeonato Gaúcho e, conseqüentemente, na Copa do Brasil. Já as atletas têm visões diferentes, enquanto Betina busca chegar à seleção brasileira e através do esporte dar boas condições à sua família, Jéssica, por já ter tido lesões e por já ter uma idade avançada, não pensa mais em jogar representando equipes de fora do estado, ela joga por lazer, por gostar de jogar futebol.

“Objetivo, sempre buscamos a seleção, mas vamos fazendo o trabalho pouco a pouco para ver se chegamos lá. Meu objetivo no futebol é ajudar minha família, ver minha mãe feliz, que é o que ela quer, ela me apóia e é o que eu quero. Quero dar muito orgulho para ela.” (VARGAS, 2011, p.2)

“Antigamente eu tinha pretensão mesmo de sair para jogar fora do estado, sempre quis jogar fora, São Paulo principalmente. Mas hoje, já com a idade que eu tenho, já estou com 27 anos, tenho uma lesão já grave no joelho, agora jogo só por lazer mesmo.” (SOUZA, 2011, p.3)

O ponto mais importante que vimos através das entrevistas foram as respostas de ambas ao questionamento sobre o que é o futebol e qual a importância do esporte em suas vidas. Mesmo sendo o futebol o lazer de Jéssica, ela disse que o futebol é a única coisa que a deixa feliz, já Betina

resume dizendo que futebol é tudo em sua vida, que quando entra em campo esquece de tudo: “tem vezes que estamos tristes, mas é só entrar nas quatro linhas que esquece tudo...” (VARGAS, 2011, p.3)

“O dia que eu parar de jogar futebol acho que entro em depressão. A única coisa que me deixa feliz mesmo é o futebol, adoro. Quando fiquei 6 meses parada por causa de lesão quase fiquei louca, é minha diversão, meu lazer, minha distração.” (SOUZA, 2011, p. 3)

O gosto pelo futebol que Betina e Jéssica declaram também foi relatada pelas entrevistadas de Jorge Dorfman Knijnik e Esdras Guerreiro Vasconcellos (2003)

“Duas questões aparecem constantemente, e de forma recorrente, no discurso das futebolistas. A primeira delas é o gosto e a paixão pelo futebol, e os desdobramentos que este amor pela atividade possui na vida delas. Elas irão lutar até o fim para se manter jogando futebol, moverão mundos, mas não deixarão de lado essa atividade futebolística.” (KNIJNIK & VASCONCELLOS, 2003, p.81)

Finalizamos esse capítulo com a resposta para um de nossos questionamentos. Por que elas jogam futebol? Porque ambas amam esse esporte, esporte que é reconhecido como a paixão nacional.

5. Conclusão

Hoje o futebol já faz parte da realidade de muitas mulheres, tanto que em 1995, Joseph Blatter (o então secretário-geral da FIFA) afirmou que “o futuro do futebol é feminino, estamos convencidos de que por volta de 2010 o futebol feminino será tão importante quanto o masculino” (FRANZINI, 2005, p. 315). Blatter, falou isso ao perceber o sucesso que a Copa do Mundo da modalidade teve nas duas primeiras edições.

Porém, no Brasil, o futebol feminino tem evoluído a passos curtos e lentos, o número de competições ainda é pequeno, apenas uma competição nacional e uma continental para clubes. E mesmo com avanços, são muitas essas dificuldades, que conforme Silvana Vilodre Goellner (2005),

...apesar destes significativos avanços, ainda é precária a estruturação da modalidade no país, pois são escassos os campeonatos, as contratações das atletas são efêmeras e, praticamente, inexistem políticas privadas e públicas direcionadas para o incentivo às meninas e mulheres que desejem praticar esse esporte, seja como praticantes eventuais, seja como atletas de alto rendimento. (GOELLNER, 2005, p149-150)

Outro fator para o não crescimento do futebol feminino competitivo é a não-profissionalização das atletas, através das minhas observações e experiência nas competições de futebol feminino, vejo que a mulher não pode ser tão exigida nesse esporte, não por incapacidade, mas sim por não haver vínculo das atletas com a equipe que representa, já que não existem contratos entre a instituição e a atleta, pois ainda há amadorismo nesse esporte, elas podem trocar de equipe a cada competição e podem não comparecer aos treinamentos em questão de outros compromissos. Ou ainda, jogar vários campeonatos em um curto período de tempo e em cada campeonato representar uma equipe diferente.

Enquanto fiz minhas observações, acompanhando a equipe Sport Club Black Show em seus treinamentos, geralmente um final de semana antes de cada jogo, as atletas não compareciam em sua maioria. Inclusive, dois dos

treinamentos não aconteceram porque apenas cinco ou seis atletas estavam presentes. Por mais que os administradores, técnicos e atletas queiram trabalhar em benefício da equipe, que queiram o crescimento da modalidade e almejam conquistas, sem receita financeira pouco se conquista. As equipes continuam jogando pelo amor ao esporte, as atletas continuam sonhando em chegar à Seleção Brasileira ou a grandes equipes, almejando que o futebol lhe proporcione a realização de sonhos.

Além disso, precisamos de mais mulheres trabalhando para o futebol feminino. Mesmo com o esforço de profissionais, como os colaboradores deste estudo, vejo que, provavelmente, as mulheres teriam como conversar com as atletas com igualdade. Não teria essa preocupação relatada por eles em saber quem escuta o que é falado por um homem a uma mulher. E o esporte feminino precisa dessas mulheres para que elas ajudem a mostrar que realmente a mulher pode fazer parte do futebol jogando, treinando ou trabalhando nos bastidores do esporte.

Continuamos vendo que o país do futebol não é o país do futebol feminino e o Rio Grande do Sul não é o estado do futebol feminino, pois o apoio de grandes empresas ainda não chegou num considerável número de equipes, o que faria com que a modalidade fosse reconhecida por um maior número de pessoas. Por isso, as entidades competentes devem exigir mais de seus afiliados para que as atletas tenham melhores condições para a sua prática esportiva.

Através desse estudo, percebemos que o futebol feminino competitivo não tem apenas um perfil de atleta. Vimos que Betina e Jéssica jogam na mesma equipe com o mesmo objetivo de conquistar vitórias com essa equipe, mas vivem realidades diferentes. Uma quer jogar na seleção brasileira, quer fazer do futebol seu trabalho, a outra já tentou realizar seus sonhos, não conseguiu êxito, mas continua praticando e competindo pelo amor ao esporte.

Entretanto, elas têm em comum o que é mais importante para a prática desse esporte: o amor. Com o amor pelo esporte elas conseguem ultrapassar as dificuldades financeiras e o preconceito para jogar futebol. Jéssica comentou que “no Rio Grande do Sul para jogar só por amor mesmo.” (SOUZA, 2011, p.3)

Com essa citação, vemos que o futebol feminino está no caminho certo

para o seu reconhecimento e que as atletas jogam futebol porque o futebol é a parte mais importante e feliz de suas vidas.

Referências

ADELMAN, Miriam. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 11(2): 360, p. 445-465, jul. /dez. 2003.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro, RJ, Editora FGV, 3ª edição, 2005.

ATHAYDE, Nilton Santos de. Nilton Santos de Athayde (depoimento, 2011). Porto Alegre: **CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS**, 2010.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas, SP, Papirus, 1988.

CBF. Campeões da Copa do Brasil. **Site CBF**, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www2.cbf.com.br/php/campeoes.php?ct=55>>. Acesso 18/jul/2011.

COI.com. Football Women. **Site COI**. Disponível em <<http://www.olympic.org/football-football-women>>. Acesso em 18/jul/2011.

CONMEBOL. Com Todas as competições. **Site COMENBOL**, Luque. Disponível em: <http://www.conmebol.com/pages/Ver_Todas_Las_Competiciones.html>. Acesso em 18/jul/2011.

CORREA, Newton Pedro. Newton Pedro Correa (depoimento, 2011). Porto Alegre: **CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS**, 2010.

DARIDO, Suraya Cristina. Futebol Feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 8, nº 2, 2002, p. 43-49.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 25, nº 50, jul-dez 2005, p. 315-328.

FIFA. Com. Messi e Marta, heróis de uma noite histórica. **Site FIFA**, Zurique. 10/jan/2011. Disponível em <<http://pt.fifa.com/ballondor/news/newsid=1361946/index.html>>. Acesso 18/jul/2011.

FIFA.com. FIFA convoca as mulheres para o Live Your Goals. **Site FIFA**, Zurique. 24/jun/2011 Disponível em: <<http://pt.fifa.com/womensworldcup/organisation/media/newsid=1459580/index.html>>. Acesso em 18 jul 2011.

GOELLNER, Silvana V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, nº2, p.143-151, abr. /jun. 2005.

GOELLNER, Silvana V. Pode a mulher Praticar o futebol? In. CARRANO, Paulo César R. (org.) **Futebol: paixão e política**. Rio de Janeiro, DP&A, 2000. p. 79-93

KESSLER, C. S. Com a bola no pé – O início da prática competitiva do futebol feminino em Santa Maria – RS. **VIII Reunión de Antropología Del Mercosur “Diversidad y Poder en América Latina”** – RAM 2009 GT 7 Disponível em <<http://www.ram2009.unsam.edu.ar/GT/GT%20%20E2%80%93%20Antropologia%20do%20Esporte%20Abordagens%20Te%C3%B3rico-metodol%C3%B3gicas%20do%20Estudo%20das%20Pr%C3%A1ticas/GT7-%20Ponencia%20%5BKessler%5D.pdf>> Acesso em 15 set 2011.

KNIJINIK, Jorge D.; Vasconcellos, Esdras G. Sem impedimento: o coração aberto das mulheres que calçam chuteiras no Brasil. In. COZAC, João R. **Com a cabeça na ponta da chuteira** – ensaios sobre a psicologia do esporte. São Paulo, Annablume/Ceppe, 2003. p. 73-90.

MOURA, Eriberto Lessa. **As relações entre lazer, futebol e gênero**. 2003. 112 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Educação Física, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

MOURA, Diego Luz.; BENTO, Gilmara dos Santos, SANTOS, Felix Oliveira; LOVISOLO, Hugo. Esporte, mulheres e masculinidades. **Esporte e Sociedade**, ano 5, n.13, nov. 2009/fev. 2010 Disponível em: <<http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es1304.pdf>>. Acesso em 30 set 2011.

MOURÃO, Ludmila. As narrativas sobre o futebol feminino: O discurso da mídia impressa em campo. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 2, p. 73-86, jan. 2005

PESAVENTO, Sandra Jatagy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2003.

RUBIO, Katia & SIMÕES, Antônio Carlos. De espectadoras a protagonistas: A conquista do espaço esportivo pelas mulheres. **Movimento**, Porto Alegre, ano V, nº 11, 1999/2

SILVA, Maria Cecília de Paula; COSTA, Marta de Moura; SALLES, José Geraldo do Carmo. Representação social do futebol feminino na imprensa brasileira. In: VOTRE, Sebastião. J. **Representação social do esporte e da atividade física**: ensaios etnográficos. Brasília: Ministério da Educação e do Esporte. INDESP, 1998. p. 103-117.

SOUZA, Jéssica Lopes de. Jéssica Lopes de Souza (depoimento, 2011). Porto Alegre: **CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS**, 2010.

TEIXEIRA JR., Jobber. **Mulheres no futebol, a inclusão do charme**. Porto Alegre: Brasil, 2006.

VARGAS, Betina Indiará. Betina Indiará Vargas (depoimento, 2011). Porto Alegre: **CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS**, 2010.

VIANA, Aline. Futebol: das questões de gênero à prática pedagógica. **Conexões**: revista da faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 6, Ed. Especial, p. 640-648, jul. 2008